

Andrea Alciati. *Emblemata*. Quatuor; namely
an account of the Original Collection
ed. by Henry Frey (The Holbein Society)
London et al. Brothers - Trübner & Co
typ. Wymann & Sons 1870
120. I. 15.

(L) Andrea Alciati *Emblemata* etc.
Alciati's Emblems in their full
stream - facsimile reprint
London idem ibid 1871
120. I. 10

Bartoli. *La Geografia trasportata
al morale*. Venetia. Iseppo
Prodicino, 1676
14. 12. I. 33

Bart. Danielli. *Delle opere del P.
Daniello Bartoli. Le Morali con un
indice copioso*. Roma. tip. Varese
37. 39. E. 17

Bartoli, Daniello. *De' simboli tras-
portati al morale*. Roma. Ispatis de Lazari, 1672
8. 42. A. 15

Vicira, Antonio. *Le cinque pietre
della pioda di David spiegate in
cinque sermoni nell'oratorio della
Casa di Loreto*. l. - ril. p. e
Roma, 1676
8. 48. C. 27

Joseph Anthony Mazzeo, "Metaphy-
sical Poetry and the Poetic of Conser-
pudence", *Journal of History of
Ideas*, vol. XIV no. 2 (New York April
1953) ^{SPH} Pl 202/213 P20.

p. 223 - *graciam e vultu requirere*
italiano tantum reparar a facil-
dade poetica do "ingegno" de qual-
quer subversão às noções retori-
cas que, fundadas em Aristoteles,
descrevem a metáfora como uma
ornamentação agradável de um
literal statement of fact. *graciam*
em particular afirmam por vezes
explicitamente que o "ingegno" não
serve para ornamentar o pensamento
mas para criar a beleza (beleza
no sentido em que "wit", "concept"
é beleza poetica para os nossos
poetas. Dominava ainda então,
apesar disso, a crença de que a
expressão clara ("plain") é entendida
pela gramática, ao passo que a
retórica ~~estuda~~ abraça o domínio

da ~~estilo~~ expressão ornada ou não
literal. A hegemonia dessa ideia
em todas as discussões sobre a
crítica literária pegou com que
em todos os debates sobre a ex-
pressão "ornada", a poesia inclu-
sive, os teóricos caíram nos
esquemas abstratos e definições
da retórica tradicional. Teram
assim como fracasso em na
mesma dificuldade. Para ele, a
essência do mit residia na "fi-
gura" ou em todo quanto alça
a expressão acima do nível do
discurso chão. O mesmo al-
çou a expressão originava a dis-
tincão entre poesia e prosa
224
Teram divide a noção de "figu-
ra" em 3 classes distintas: as que
deleitam o ouvido pelos seus perío-
dos melíflus, as que deleitam o
afeto pela vivacidade das imagens
aferevidades e as que deleitam
o intelecto pelo concetto (mit). A

essência das figuras conceitu-
sas é a metáfora e Teram
em sua análise da expressão
conceituosa distingue oito espe-
cies: hiperbole, hipotipose, me-
táfora di Soniglianza, Equivoco,
Opposito, Decettione, metáfora
di Attributione, Lacrismo.
É claro que na elaboração
duas espécies de figuras ele
não transcendia a antiteze
entre linguagem "chão" e lin-
guagem "ornada". Aceitando
uma distinção convencional os
teóricos neocientistas com prome-
tiam: e, ao menos em teoria,
com uma concepção da poesia
como a acumulação de meta-
foras ornamentais e quanto
mais metáforas se acumularem
tanto melhor o poema.

Foram essas dificuldades te-
óricas que levaram à introdu-
ção disparcada de outras facul-
dades estéticas além da

ingegno: apelo: se para o
furore ou genio poético, e por
ra o gusto, conceitos que ten-
diam a minar a omnipotência
das regras na produção de uma
obra de arte.

pg. 225 — Embora distinguindo o
ingegno do intelecto mas teori-
as procuravam inevitavelmente
a uma espécie de verdade in-
tellectual no conceito: conclusão
lógica da definição puramente
intellectualística do ~~conceito~~ pró-
prio conceito. Uma base que
impossível transcender a áreas
do ingegno como faculdade in-
tuitivamente divorciada do intelecto
e de suas operações.

Tesouro de uma ou várias im-
agens reunidas pelo mais
uma imagem interior pode
ser exteriorizada: (1) sinais de
linguagem, (2) sinais visuais

como na escultura e pintura;
(3) sinais mistos pelo mais
entendida o drama (gestos e
palavras) e o emblema e im-
presa (pintura acompanhada
de motto). Uma segunda clas-
sificação distingue entre (1)
expressões palada e escrita (acu-
tezza verbale), (2) o emblema,
impresa ou outras formas pic-
tóricas ou escultóricas (acutegge
simboliche o figurative) e
(3) uma classe que se refere
ao drama e à pantomima,
chamada de acutegge sensibi-
li. As acutegge são expres-
sões metafóricas concetuosas.

Embora fero as categorias
convencionais de retórica, Tesau-
ro tentava claramente trans-
cender as velhas distinções entre
gramática, retórica e lógica ou
entre asserções che e expressões
metafóricas.

228 Tesouro sustentava que as
"acutegge" ou conceitos mais
foram criados só pelos homens
e não por Deus, nem anjos e
os animais. O universo foi
criado por Deus que era um
criador conceituoso, a witty
creator, um "arguto pavellatore".
O mundo é um poema
na peito de conceitos. A
criação de um mundo é um
poema de Deus e bastante
velho e, sob várias formas,
aparece desde Platão [Os esto-
icos também falavam ao poema
ou ao drama do mundo]. A
diferença, entretanto, está em
que para Tesouro, o mundo é
um poema metafísico e Deus
um poeta metafísico. Ele
concebe o universo como uma
faculdade humana reunindo
as potes criador de Deus. Ela
pode criar o "rei" onde antes

nao havia "rei". É uma par-
ticular da natureza divina. Co-
mo Deus criou um mundo
"metafísico" assim o poeta
cria ~~os~~ poemas metafísi-
cos. Deus é
p. 229 arguto pavellatore, motto-
criando agli Uomini ed
agli Angeli, con varie Impre-
se eroiche e Simboli figure
ti, gli altissimi suoi con-
cetti" (E. Tesouro, Il Canocchiale
di Aristotelo, 2ª ed. (Veneza,
1663), p. 54 [A 1ª ed. é de
Veneza, 1554]. O que é

"un vasto ceruleo scudo, ove
l'ingegnosa natura disegna
ciò che medita: formando
eroiche Imprese e Simboli
misteriosi e arguti dei suoi
regreti" p. 68.

O trovador mais é do
que uma acutegge do tipo
misto, pintura e motto.

10
as mesmos tempo, e toda a
natureza fala em conceitos;
São:

formidabile Argutie et Symboliche
Cipere della natura, unite insieme
avendo Le Saetta per ^{e vocali} corpo e il
Tuono per motto

(Ter., 69)

A ideia convencional de natureza
do curso livro de natureza es-
ta' implicita em todas as
epiculações de Teramo a res-
peito. A ideia é velha, mas
Teramo vê o livro de natu-
reza escrito em conceitos, em
apudexas. 6 livro fora lido
de formas diversas à época de
Teramo. A leitura mais
~~possível~~ "fruitful" ao tempo
de ~~Teramo~~ Teramo foi a de fali-
len, que o len metaphorica
mente.

Desse curso o mundo cheio
de metáforas, analogias e con-

ceitos, e longe de serem orna-
mentos, são a lei pela qual
a criação foi efetuada. Des-
encover o mundo em me-
táforas e animar deve ele
ser lido. As artes, as ciên-
ças do homem, são também
acutegge e o pintor não
mais são do que poetas mu-
dos (Ter. 53 e 308).

p. 230. Uma visão de mundo
de ~~Teramo~~ vê mapas não uma
poética de retórica universal,
mas ~~de~~ o que chama "uma
poética de correspondência".

"A natureza não era simples
objeto de observação e enjoy-
ment, mas a "matter" em
que o homem descobre e lê
as metáforas de sabedoria
divina, porque o próprio mun-
do é um poema "metaphi-
sico".

12 p. 231. "6 deus de desco-
brir afimidades, comparações e de
extração e desenvolvimento as corres-
pondências e analogias uni-
versais indica uma tentati-
va para se aprofundar o va-
lor das palavras; é um ri-
tual da awareness do poe-
ta e críticos de situações
na multiplicidade de being
que ainda não foram indi-
vidualizadas e que eles ten-
taram realizar mediante
sugestões verbais e mediante
o que parecia constituir ana-
logias estranhas e híbri-
das"

"La metafora", diz o Peran-
so, "tutti (gli oggetti) a stre-
ta li rinceppa in un vocabu-
lo: e gravi in miraculoso mo-
do gli ti fa travedere, l'uno
dentro l'altro. Onde maggiore
è il tuo diletto: nelle ~~parole~~

maniera, che più ~~p~~ curiosa¹³
e piacevole cosa è mirar mol-
ti oggetti per un istraforo di
perspettiva, che se gli origi-
nali ~~stesso~~ medesimi succe-
ssivamente ti venisser pas-
sando dinanzi agli ~~occhi~~ occhi,
~~stesso~~ (Pes., p. 226)